

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



A GEOPOLÍTICA DA CAFETINAGEM ACADÊMICA: QUEM TEM MEDO DE INVESTIGAR O COTIDIANO DAS RELAÇÕES UNIVERSITÁRIAS?

Igor Vinicius Lima Valentim

Resumo

As universidades são ótimas para analisar os outros, mas investigam pouco a respeito de si mesmas. Gozam de reconhecimento quanto à capacidade de construir conhecimentos a respeito de diversos temas, mas não escapam de questionamentos quanto às suas contribuições sociais. Partindo da ideia de que precisamos construir uma educação baseada em valores, atitudes e práticas que promovam a vida, como fazê-lo sem investigar a própria atuação da universidade e de seus integrantes? Conhecimentos constituem apenas uma parcela dentre as inúmeras construções ocorridas nas relações acadêmicas. Entretanto, ainda que ocorram diversas produções no cotidiano da Academia, é raro encontrar investigações nas quais o próprio 'fazer acadêmico' é analisado criticamente, embora teóricos brasileiros já tenham alertado quanto a importância da relação entre o que se diz e o que se faz. Este texto questiona a importância de se pesquisar a respeito das relações acadêmicas e dos valores, modos de ver, sentir, trabalhar e viver nelas construídos. Para tanto, analisa o parecer recebido pelo autor ao submeter um projeto de pesquisa - relacionado ao tema das relações acadêmicas - a um edital promovido por uma universidade federal brasileira.

Palavras-chave: Ensino Universitário. Relações acadêmicas. Gestão Universitária.

Os cursos universitários hoje

A Sociologia da Educação estuda a realidade socioeducacional e os processos educacionais de sociabilização. Durkheim foi o primeiro a sistematizá-la. Para ele, a educação visa desenvolver estados físicos, intelectuais e morais (Durkheim, 1978), cabendo ao indivíduo assimilar normas e princípios.

Weber (1989) destaca dilemas da ocupação científica universitária: o cientista faz parte da 'fábrica da ciência', e a paixão e os temperamentos dos professores podem influenciar acadêmicos iniciantes. Já Bourdieu (1984; 2004) argumenta que o campo científico é constituído por forças que visam à conservação ou transformação do *status quo*, sendo possível identificar a estrutura das relações entre os agentes, estrutura esta que determinaria o que se pode fazer.

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



Nas relações acadêmicas, o corpo, o espírito e a mente de todos são objetos de experiências (Ferreira, 1996). É possível considerar, portanto, que a pedagogia está implicada na fabricação de seres humanos por exercer “um tipo de poder que exclui, impede, limita, proíbe, impõe; ou que impele, incita, induz, estimula, favorece e amplia” as possibilidades dos indivíduos serem de um modo ou de outro e de agirem em uma ou outra direção (Foucault, 1995; Garcia, 2001).

Uma reflexão mostra-se pertinente: **conhecimentos – científicos ou não – constituem apenas uma parcela dentre as inúmeras construções ocorridas nas universidades.** São (re)produzidos valores, modos de pensar, sentir, lidar com os outros e enxergar a si: subjetividades, aqui entendidas como as maneiras nas quais os sujeitos fazem experiência de si (Foucault, 1999).

Guattari e Rolnik (2007) apontam para a centralidade da subjetividade, principalmente quando vivemos e construímos uma lógica capitalista centrada na produção de comportamentos, buscando naturalizar em nós determinados valores em detrimento de outros. É fundamental atentar que a subjetividade tem natureza ‘maquinica’, ou seja, ela é fabricada, modelada, recebida, consumida (Guattari e Rolnik, 2007, p. 33). Neste sentido, Deleuze (1992, p. 142) contribui ao afirmar que “a subjetivação é a produção dos modos de existência ou estilos de vida”. Existem diversas ‘máquinas’ produtoras de subjetividade, tais como empresas e a mídia, para citar apenas dois exemplos. E as universidades são parte cada vez mais importante no que se refere aos processos de subjetivação.

A maior parte dos cursos responsáveis pela formação de universitários prepara, com suas especificidades e particularidades, cada vez mais profissionais voltados para sonhar em triunfar em um ‘mercado’ individualista e selvagem que prega valores criadores e aprofundadores da miséria, da competição e de injustiças sociais. Se consideramos que hoje “é fundamentalmente das forças subjetivas, especialmente as de conhecimento e criação” que o regime capitalista se alimenta (Rolnik, 2006a, p. 13-14), parecem restar poucas dúvidas sobre a importância do papel que os cursos universitários podem ter nas sociedades contemporâneas.

Enquanto valores capitalistas se expandem e se naturalizam para todas as áreas da vida humana, em que medida fenômenos como esses podem ser encontrados nas próprias relações estabelecidas entre/para com acadêmicos? Uberti (2006, p. 110) sugere que precisamos pensar a que problemas a educação respondeu, historicamente, e a que problemas necessita responder agora, sendo tarefa de todos lutar por um mundo mais justo e humano.

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



É inegável que o caráter político está presente de maneira indissociável em tudo aquilo que é desenvolvido por nós. Cada uma de nossas posturas/atitudes/políticas, nas atividades cotidianas que desenvolvemos, contribui para que sejam construídos diferentes subjetividades. A partir do momento em que a pedagogia está implicada no governo da subjetividade (Garcia, 2002), que subjetividades são construídas nas relações acadêmicas? Que valores são estimulados e naturalizados?

Latour e Woolgar (1982) investigaram as práticas de um instituto de pesquisa, mas é raro encontrar investigações nas quais as relações acadêmicas estão no centro das análises. Pierre Bourdieu escreveu seu clássico 'Homo Academicus' (1984), dedicado à temática do mundo acadêmico, mas a obra pode ser até mesmo considerada marginal dentro da coletânea do autor francês.

Não é exagero algum afirmar que a Academia é habilidosa em analisar entes externos, mas ainda investiga pouco a respeito de si própria, seus modos de funcionamentos, relações, bastidores, silêncios e não-ditos.

A partir de um entendimento das relações acadêmicas construídas como processos de subjetivação, buscamos inverter o olhar tradicional e colocar a Academia e o fazer acadêmico como focos de investigação.

Embora com um chamativo título, este é um artigo com um alcance curto e sem pretensões universalizantes. Não há desejo de encontrar verdades definitivas, situações generalizáveis ou panoramas estatisticamente válidos e reproduzíveis. Não esgotamos aqui (e nem nos propomos a isso) todas as possibilidades e perspectivas de análise das relações acadêmicas. O que este artigo busca é analisar o parecer recebido após a submissão de um projeto de pesquisa (relacionado à temática das relações acadêmicas) a um edital de bolsas de iniciação científica, no âmbito da Pró-Reitoria de Pesquisa de uma universidade federal brasileira (PROPG/UNIV)¹.

De forma mais específica, o presente texto analisa dois elementos: a) o questionamento quanto à necessidade de realização de outras investigações dedicadas às relações acadêmicas e dos valores, modos de ver, sentir, trabalhar e viver nelas construídos; b) a reflexão a respeito dos impactos que um parecer como o recebido pode causar nas subjetividades construídas na/com a Academia. Para tanto, se faz necessário descrever os caminhos percorridos pelo autor durante o processo de submissão de seu projeto de pesquisa.

¹ Optou-se por preservar o nome da instituição, tendo em vista que esta omissão não altera os propósitos do artigo.



Métodos e o projeto submetido

O principal objetivo do projeto de pesquisa submetido à PROPG/UNIV era analisar criticamente a própria Universidade e o *modus operandi* utilizado pelos profissionais acadêmicos no âmbito do curso de graduação em Administração desta instituição, buscando refletir/construir, junto com estudantes, professores e técnicos administrativos, olhares e sentidos a respeito do fazer acadêmico e das conseqüentes relações e subjetividades construídas na/com a Universidade. Embora pudesse ser realizado em qualquer curso da UNIV, devido ao seu escopo ainda inicial o projeto propunha começar suas atividades pelo curso de graduação Administração, no qual o autor estava vinculado à época.

O projeto possuía a mesma base teórica deste artigo, ou seja, partia da ideia de que na Academia são construídas formas de se relacionar entre todos os envolvidos, profissionais acadêmicos ou não. Ou seja, são produzidos e reproduzidos valores norteadores de convivências, para além de modos de ver, sentir e estar no mundo, modos de trabalhar, falar e interagir, modos de lidar com os outros e de enxergar a si próprio: processos de subjetivação. Neste sentido, o projeto de investigação perguntava: que hierarquias são (re)produzidas nesses processos? Em que bases acontecem essas relações entre profissionais acadêmicos, alunos e técnicos administrativos? Que valores estimulam?

Para atingir os objetivos propostos, o projeto adotou métodos no sentido de convocar integrantes da Academia a analisar criticamente como as relações entre alunos, professores e técnicos administrativos são construídas, bem como que valores, modos de ser, viver e sentir são produzidos e reproduzidos nas convivências que são desenvolvidas.

As implicações de um parecer

Após avaliação² da PROPG/UNIV, o projeto recebeu 34 pontos em 60 possíveis, alcançando 56% numa escala percentual. Para além desta nota quantitativa, o projeto recebeu também um parecer qualitativo com justificativas para a pontuação atribuída.

² A análise empreendida neste texto parte de um projeto que foi analisado por um(a) parecerista único(a). Desta forma, é evidente que sua visão de mundo não pode ser generalizada nem entendida como se fosse a única representante da universidade em questão. Como já alertado ao longo do texto, não acredita-se em verdades únicas ou generalizantes.

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



Para a concessão de uma bolsa de iniciação científica dentro do contexto da submissão do projeto ao citado edital de bolsas de iniciação científica da PROPG/UNIV, ele deveria obter pontuação de pelo menos 60%. Desta forma, a partir da pontuação recebida, o projeto não foi contemplado com nenhuma bolsa de iniciação científica.

Entretanto, para a finalidade deste texto, o mais rico parece ser justamente analisar o parecer qualitativo recebido, reproduzido a seguir, no qual o(a) avaliador(a) anônimo(a) explica os motivos para a não concessão da bolsa:

A pesquisa proposta só seria relevante se contemplasse outras universidades. O próprio desenvolvimento intramuros já aponta uma fragilidade, possíveis constrangimentos e uma visão muito limitada e circunstancial. Dificilmente a metodologia, conforme explicitada, dará conta de chegar a uma análise isenta e imparcial. Ainda, faltam referenciais teóricos importantes para o tema proposto, como Durkheim, Weber e Bourdieu, entre outros. O parecer não é favorável ao projeto.

A afirmação, no parecer atribuído ao projeto, de que “a pesquisa proposta **só seria relevante se contemplasse outras universidades**” (grifo meu), de imediato trouxe choque e perplexidade. Por um lado, parece inegável que quanto maior o número de *loci* de um projeto que busque investigar e analisar as relações acadêmicas, mais rica pode ficar a pesquisa em termos de amplitude. Entretanto, pelo menos dois pontos merecem reflexão:

- a) tendo em vista que esse é um tema em grande medida ausente e pouquíssimo pesquisado hoje na Academia brasileira, é difícil compreender a consideração de que uma pesquisa como a proposta só teria relevância se fossem contempladas outras universidades. Não é que esteja presente no parecer uma sugestão de expansão do projeto em nome de uma investigação mais completa. Não. É uma negativa em realizá-lo no contexto local da UNIV, na qual ainda não era realizada nenhuma investigação dedicada a essa temática, usando-se como justificativa que apenas outros locais de investigação podem trazer relevância;
- b) esse tipo de análise que enxerga validade e relevância apenas quando a investigação está ligada à quantidade, números e significância estatística, marca uma visão de mundo bem definida e defendida por muitos, é verdade, inclusive com fortes influências desde o projeto Iluminista. Entretanto, esta não é uma visão de mundo única. Consideramos que é justamente sentindo as singularidades de cada contexto, de cada local, que a pesquisa vai se construindo e se enriquecendo. Não temos objetivo de realizar pesquisas homogeneizantes. Não estamos em busca de verdades definitivas ou generalizáveis. As verdades aqui são entendidas de modo circunstancial.

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



Buscamos dar atenção àquilo que nos atravessa, às singularidades, afetos, subjetividades.

Mais que isso, não é difícil perceber que apenas uma única universidade, sozinha, já engloba incontáveis mundos diferentes. Até mesmo um departamento já apresenta farta diversidade no que diz respeito às relações estabelecidas, subjetividades construídas, valores estimulados, etc. Desta forma, diversas pistas podem ser visualizadas a respeito do tipo de ciência que se deseja construir, bem como daquela que é considerada relevante, a partir de uma avaliação tal como a recebida no parecer supra reproduzido, que considera que o número de universidades pesquisadas deva ser o critério responsável pela relevância de uma investigação.

Para além do mencionado, como afirmar que uma investigação só tem relevância se for feita em contextos outros, quando nem sequer os (múltiplos) contextos da própria universidade em que se está alocado foi pesquisado? A relevância de uma pesquisa seria então meramente quantitativa? Estatística? Ou esse é apenas um argumento utilizado para a universidade não investigar a si própria e não analisar suas próprias condutas, relações e valores?

Ao continuar a análise do parecer, o autor se deparou com a consideração de que “o próprio **desenvolvimento intramuros** já aponta uma fragilidade, **possíveis constrangimentos** e uma visão muito limitada e circunstancial”. Pergunto: qual o constrangimento que existe ou pode existir em se investigar o que se faz, o que se pratica? Em ser autocrítico? Em estimular a autocrítica? Estaria a universidade construindo em seu cotidiano tantos absurdos ao ponto de ficar constrangida de olhar para si mesma? Uma pesquisa forte é aquela na qual se investigam os outros, sem constrangimento algum, mas frágil quando se olha para si?

Não obstante, o comentário de que a pesquisa é limitada e circunstancial por investigar apenas a própria universidade da qual o proponente faz parte remete novamente a uma avaliação que considera como sinônimo de validade a estatística, desprezando as verdades entendidas justamente como circunstanciais, provisórias, concepção esta que está na base teórica do projeto ora submetido.

No mundo acadêmico, supostamente guardião da autonomia e liberdade de pensamento, conhecimento e investigação, fica difícil compreender como um projeto pode ser descartado a partir da visão de mundo do(a) avaliador(a). Só é válido o projeto que compartilha da visão de mundo cada vez mais dominante ou, ainda mais grave, da mesma

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



visão de mundo dos avaliadores? Onde está o estímulo à diversidade? À multiplicidade? A métodos, visões, paradigmas e bases diferentes?

Não parece mera coincidência que, logo na sequência do parecer recebido, o(a) avaliador(a) expresse, com todas as letras, que o projeto terá dificuldade, com sua metodologia, em chegar a uma análise isenta e imparcial. Esse tipo de ponderação reforça as considerações já feitas nos parágrafos anteriores e remonta à uma concepção de ciência ligada a verdades absolutas e verificáveis, generalizáveis, atreladas a uma busca pela neutralidade, imparcialidade e isenção, para além da separação entre pesquisador e pesquisado. Esta é uma visão de mundo que alimenta dicotomias como certo e errado, bem e mal, e que está presente desde épocas nas quais um estudo só era considerado científico se estivesse sob o viés das ciências matemáticas, exatas e biológicas, ancoradas nos experimentos e no positivismo.

É um perigo cada vez mais concreto a (re)produção de uma 'ciência papagaio', calcada na mera repetição acrítica de uma série de referenciais famosos e, por isso, 'mais verdadeiros' que outros. Parecem cada vez mais raros estímulos para que as pessoas construam seus próprios objetivos de forma autônoma e inventem caminhos para chegar até eles. A maior parte dos caminhos parece apontar na direção do que Bourdieu (2006) chama de heteronomia na produção de ciência, uma vez que as pesquisas e as próprias subjetividades de investigadores e aspirantes a investigadores vêm sendo moldadas para que só se possa ter como objetivos - e como caminhos para atingi-los - aqueles pré-estabelecidos e considerados válidos por outros.

O que este artigo aponta, para além do já mencionado, é que a própria liberdade/autonomia de pesquisa acadêmica está cada dia mais ameaçada. Ameaçada? Ou será que ela sempre fez mais parte de uma retórica do que das práticas efetivas? Embora sempre presente nos discursos, em que medida ela está presente nas práticas?

As condições materiais de pesquisa e de infraestrutura, apoios e até mesmo bolsas para estudantes, hoje, são alocadas majoritariamente para áreas tais como as ciências da saúde e exatas e engenharias. Mas não adianta nos enganarmos que isso é uma questão exclusiva de áreas de conhecimento. É fato que existe um privilégio em nível mundial pelas áreas mencionadas em detrimento de outras tais como humanidades, artes e ciências sociais. Entretanto, mesmo dentro dessas áreas 'marginais', existem diversas disputas de diferentes visões de mundo, como também visões dominantes que, infelizmente, nem sempre estimulam multiplicidades.



Ao menos no contexto do edital aqui analisado, com base no parecer recebido, os recursos disponibilizados parecem ser distribuídos preferencialmente entre aqueles que realizam pesquisas que compartilham de uma visão de mundo positivista e supostamente neutra. Mas o que é uma análise neutra e imparcial quando ela é feita por pessoas? Que análise é neutra e imparcial quando inseparavelmente construída por subjetividades, valores, modos de pensar, ser, agir, ver e trabalhar?

Essa imparcialidade só parece possível para aqueles pesquisadores que internalizam e (re)produzem a crença na neutralidade mencionada e em verdades absolutas e únicas, que utilizam a estatística como indicador de validade, que apostam no controle como garantia de qualidade, que preferem as provas e verificações em detrimento da confiança e da abertura, que acreditam nos competitivos como estatisticamente superiores, que criticam mais os outros do que a si mesmos e que, também por isso, preferem constranger os outros do que a si mesmos.

Em direção à geopolítica da cafetinagem acadêmica?

Quais são as implicações de uma Academia baseada em pareceres como o recebido? O que isso implica em termos de atitudes, cotidiano, relações, desejos e subjetividades? O que fazer então após receber o parecer aqui analisado? Se o pedido de uma bolsa para remunerar um aluno interessado em participar do projeto de pesquisa é negado, o que fazer? Não pesquisar o tema ligado ao projeto? Buscar um tema mais aceito e reconhecido? Pesquisar sozinho? O recado é claro e implica que com esse tema, olhando para a própria universidade, um projeto não será apoiado pela instituição.

O discurso que considera as universidades públicas como templos sagrados da autonomia também parece bem difícil de ser visto na prática, já que quem quer pesquisar certo tipo de assunto, pode fazê-lo, mas sem apoio. Em outras palavras, ou pesquisa-se aquilo que a instituição deseja, ou então toda a responsabilidade de conseguir apoio e recursos passa a ser única e exclusivamente do pesquisador. Seria esse um dos preços a se pagar por 'sucesso' ou por apoio à pesquisa?

Em um mundo como o contemporâneo, no qual somos estimulados a nos identificar quase de maneira hipnótica com as imagens de mundo veiculadas pela publicidade e pela cultura de massa (Rolnik, 2006b, p. 5), quais as imagens de sucesso que nos guiam dentro da Academia? Que ideais de sucesso nos guiam como acadêmicos? O que estamos dispostos a fazer para atingir esses ideais? E, neste sentido, quais os ideais de sucesso que nossas atitudes ajudam a construir nas demais pessoas?

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



Se formos pensar nos ideais contemporâneos de produtividade que balizam a maior parte das avaliações dos profissionais acadêmicos, nos convenceremos de que vale tudo para conseguir ser reconhecido pelas instituições e pelos outros acadêmicos como 'profissional de ponta'. É preciso estar em programas de Pós-Graduação bem ranqueados pela CAPES, ter muitas publicações bem avaliadas pela CAPES, conseguir aprovação de projetos com financiamento de agências de fomento, entre outros. E o mais importante: não importam os meios utilizados para se chegar a esses fins nem como as relações que estabelecemos são conduzidas, ou ainda os valores (re)produzidos e estimulados. Só importam os resultados que atingimos dentro desses indicadores de 'qualidade'.

Parece fundamental o questionamento dessas ponderações para que não nos tornemos meros seguidores da religião acadêmica tradicional. Estamos aprisionados? Fadados a criar apenas dentro dos 'cercadinhos do mercado'? Nesse sentido, Rolnik (2006a, p. 22) questiona: "como e onde se opera o estrangulamento vital que nos aprisiona no intolerável e nos asfixia? Como nossa subjetividade é capturada pela fé na religião capitalista? Como nossa força de criação é drenada pelo mercado?"

Suely Rolnik foi muito feliz quando discorreu a respeito da geopolítica da cafetinagem (2006b), pensada por ela como inicialmente ligada à questão artística. De acordo com o texto da brasileira, muitos dos protagonistas de movimentos das décadas anteriores caíram na armadilha de se deslumbrarem com o

*entronamento de sua força de criação e de sua atitude transgressiva e experimental – até então estigmatizadas e confinadas na marginalidade –, e fascinados com o prestígio de sua imagem na mídia e com os polpudos salários recém-conquistados, entregaram-se voluntariamente à sua cafetinagem. Muitos deles tornaram-se os próprios criadores e concretizadores do mundo fabricado para e pelo capitalismo nesta sua nova roupagem. Esta confusão decorre sem dúvida da política de desejo própria à **cafetinagem das forças subjetivas e de criação. Um tipo de relação de poder que se dá basicamente por meio do feitiço da sedução. O sedutor convoca no seduzido uma idealização que o sidera: este último identifica-se então com o agressor e a ele se submete, impulsionado por seu próprio desejo, na esperança de ser digno de pertencer a seu mundo** (Rolnik, 2006b, p. 6, grifos meus).*

Enfrentamos um grande risco de sermos cafetinados? Quais os nossos ideais de sucesso dentro da Academia? Que mundos construímos diariamente por meio não apenas dos assuntos que tratamos mas principalmente das relações que estabelecemos e de nossas atitudes? Em que medida já estamos cafetinados? Em que medida já nos transformamos em cafetões acadêmicos?

Pensando na Academia brasileira, como construir formas de sociabilidade, de sentir, pensar, trabalhar e desejar mais voltadas à vida, sem olhar criticamente para o que se faz, para o como se age e para o que se estimula com nossas atitudes e relações?



Agradecimentos

É importante registrar o agradecimento à Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo auxílio financeiro concedido.

Referências

BOURDIEU, P. *Homo Academicus*. Paris: Minuit, 1984.

_____. **Os usos sociais da ciência: Por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Editora da UNESP, 2004.

_____. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Setenta, 2006.

DELEUZE, G. **Conversações**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DURKHEIM, É. **Educação e sociologia**. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FERREIRA, J. M. C. **Pedagogia libertária versus pedagogia autoritária**. In: Vários. (Org.). *Educação Libertária*. Rio de Janeiro: Achiamé/Movimento, p. 109-133, 1996.

FOUCAULT, M. **O sujeito e o poder**. In: DREYFUS, Hubert, RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 231-249, 1995.

_____. **La creación de modos de vida. Estética, ética y hermenéutica**. Barcelona: Paidós, 1999.

GARCIA, M. M. A. O sujeito emancipado nas pedagogias críticas. **Educação e Realidade**, v. 26, n. 2, p. 31-50, jul./dez. 2001.

_____. **Pedagogias críticas e subjetivação: uma perspectiva foucaultiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. **The cicle of credibility**. In: BARNES, B.; EDGE, D. *Science in Context. Readings in the Sociology of Science*, Milton Keynes/England: The Open Univ. Press, p. 35-43, 1982.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2006a.

_____. **Geopolítica da cafetinagem. Núcleo de Estudos da Subjetividade**, 2006b. Disponível em: [<http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade>]. Acesso em: 05 jun 2008.

UBERTI, L. Estudos pós-estruturalistas: entre aporias e contra-sensos? **Educação e Realidade**, v. 31, n. 2, p. 95-116, 2006.

WEBER, M. **Sobre a universidade**. São Paulo: Cortez, 1989.